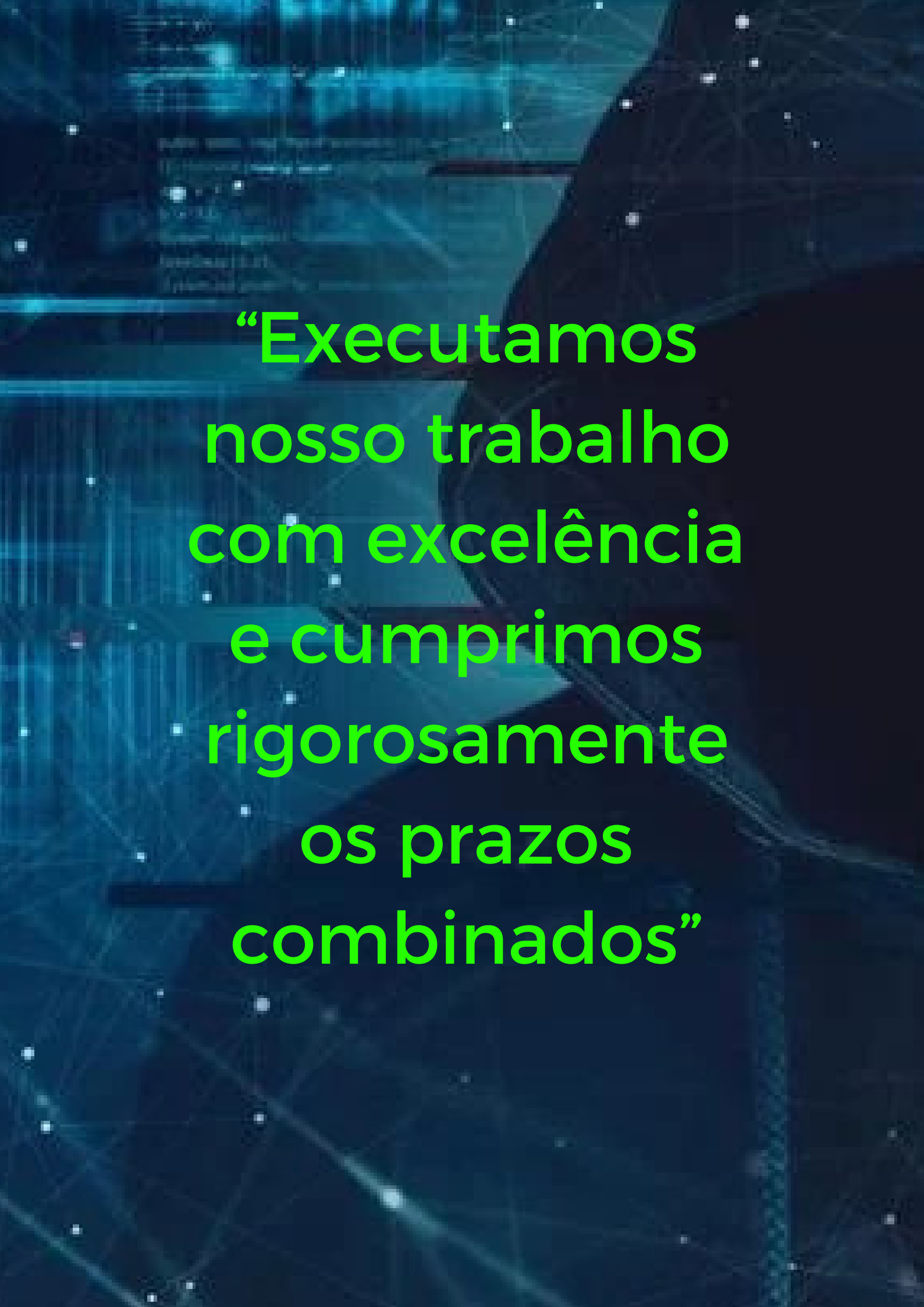




O COVEIRO

JOSÉ RENATO FUSCO



**“Executamos
nosso trabalho
com excelência
e cumprimos
rigorosamente
os prazos
combinados”**

O Coveiro

Meu nome é Rodrigo Silveira, tenho 55 anos, 1,60 de altura, peso 72 quilos e mantenho minha saúde sempre em dia. Sou ruivo e meu cabelo é liso. Ou seja, sou um sujeito bem comum, de beleza mediana. Isso é bom para o meu trabalho, pois não chamo a atenção de ninguém. Sou matador de aluguel, então você já deve imaginar que a descrição, para mim, é tudo. Esqueci de dizer que uso uma barba bem cerrada para cobrir uma cicatriz de infância.

Confesso que as coisas não estão fáceis. Esses anos todos com os esquerdistas no Poder, acabaram com a economia. Agora, o povo está economizando até para matar seus inimigos.

Quando a coisa estava boa - naquela época em que o Real andava parelho com o Dólar - eu não conseguia nem dar conta de um trabalho direito, e o meu celular tocava. Do outro lado da linha sempre tinha um cara me pagando muito bem para dar fim nalgum cretino qualquer.

Mas agora as coisas já não estão tão bem, como disse acima. Faz 15 dias que não despacho ninguém. Não é pelo dinheiro. Se fosse por ele, nem precisava trabalhar mais. É pela adrenalina, para sentir o cheiro de sangue no ar e ver a morte agindo sempre que requisitada, sem pestanejar. O desespero é tão grande, que estou pensando em anunciar meus dotes na internet. Bom, não na internet que você conhece, mas sim na Deep Web, a internet do submundo, como dizem os especialistas.

Li sobre o assunto numa revista dessas de grande circulação um dia desses. Os caras diziam que instalar os programas necessários era tarefa fácil, que em dois palitos eu estaria navegando totalmente à margem dos tiras, etc e tal.

Mas fiz umas pesquisas e percebi que não conseguiria agir sozinho, até porque não sei nem instalar o aplicativo do banco no meu celular... Por isso decidi procurar um especialista no assunto, que no caso era meu Sobrinho.

Esqueci de contar que meu Sobrinho mora comigo. Quando o Moleque fez uns 14 anos, me pediu tanto que não tive como

dizer não. Para falar a verdade, ele é uma ótima companhia. Não bebe, não fuma, não gosta de sair e fica o dia inteiro no quarto fuçando na internet ou jogando vídeo game.

Como eu lhe disse que se tinha a intenção de morar comigo, teria de bancar todos os seus luxos, pois eu só forneceria o básico, ou seja, água, luz e comida, o Moleque deu um jeito.

Passados pouco mais de 15 dias morando comigo, Pedro me pediu uma grana emprestada. Como o Moleque tem palavra, dei os 3 mil que ele pediu. O acordo era que ele me pagaria em 1 ano, caso contrário teria que voltar a morar com a minha mãe. Na verdade, eu jamais expulsaria o Moleque por causa de 3 mil, mas ele não precisava saber disso...

O fato é que em uma semana, o Moleque não só me devolveu a grana toda, como me presenteou com um iPhone. Quando perguntei como ele tinha conseguido o dinheiro, me contou que tinha investido em um negócio chamado Bitcoin, além de ter conseguido sequestrar a senha bancária de uns desavisados. Foi aí que descobri que Pedro era hacker, tipo aqueles caras do Anonymous, só que sem a parte idiota da ideologia esquerdista.

Não posso dizer que o repreendi, pois Pedro só tirava uma grana das pessoas. Eu costumava ir um pouco mais longe. Seria um hipócrita se não agisse com naturalidade diante da novidade, não é mesmo?

Bom, mas como dizia, fui até o quarto do meu sobrinho e bati na porta.

- Cola aí, Tio!

Assim que abri a porta, vi que estava tudo escuro. A única fonte de luz era proveniente da TV de 50 polegadas que ele usava - naquele momento - para jogar GTA V. O sistema de som do Moleque era tão bom, que dei um pulinho de susto quando ouvi os tiros que ele deu no jogo.

- Então, o Tio precisa de sua ajuda com esses negócios de internet.
- Pode dizer - Disse pausando o seu jogo.
- É que, não sei se você percebeu, mas não estou conseguindo muito trabalho nos últimos tempos.

- Percebi que você tem ficado mais em casa...
- Então, acho que eu deveria fazer umas propagandas, sabe?
- Sei...
- Ouvi falar de uma tal de Deep Web, mas não consegui avançar muito no assunto.
- Tranquilo, posso fazer. Mas vou precisar saber com o que você trabalha exatamente.
- Você nem desconfia?
- Desconfiar, eu desconfio. Você não tem horário fixo, passa dois ou três dias em casa e depois some por uns 7 ou 10... Se não é caminhoneiro, só pode trabalhar com algo ilegal.
- É, eu não sou caminhoneiro...
- E então?
- Sou matador de aluguel, principalmente. Mas às vezes também levo encomendas importantes de um lugar para o outro.
- Drogas?
- Não, nunca drogas. É muito rastreável.
- Verdade. Até na internet é...
- Eu levo dinheiro sujo para as pessoas que fazem ele ficar limpo, a troco de me pagarem com 10% do valor, ao final da operação.
- Da hora!
- Da hora?
- Sim... Porque é difícil lavar 200 mil e fazer parecer que ganhei isso tudo com as variações do Bitcoin.
- Duzentos paus?
- De Dólares...
- Putz!

Eu precisei chegar aos 34 anos para conseguir o meu primeiro milhão de Dólares e aquele pirralho de 17 anos já lavava 200 mil Tio Sams por operação? Bom, ao menos o legado da Família Silveira no submundo do crime já está garantido, apesar de eu não ter tido filhos.

- Confesso que me espantei agora!
- Que isso, Tio! Eu nem saio do quarto. Você que é o cara! Fica por aí correndo risco e tal...
- Bom, mas vamos falar da tal da propaganda...
- Então, o certo mesmo era você ter um site, porque a Deep Web não funciona como a internet, onde você paga o Google para colocar sua propaganda na página dos outros. Você

precisa ter o seu próprio endereço na rede, para permitir que as pessoas te achem quando quiserem.

- Certo.
- Vou fazer o site, e depois te chamo para inserir as informações que você queira.
- Só isso? Não vou ter que pagar nada?
- Só isso. Deixa o resto comigo...

Sendo assim, me levantei e fui em direção da porta, tomando o cuidado de fazer uma anotação mental sobre comprar um presente para o Moleque.

- Tio, só preciso saber uma coisa antes de você ir.
- Manda
- Qual vai ser o nome do seu site?
- O Coveiro
- Gostei! Macabro!

--- -- --- --- -- ---
O Doleiro Dos Doleiros...
--- -- --- --- -- ---

Logo depois que deixei o quarto de Pedro, meu telefone criptografado tocou. Era trabalho. Coisa simples. Eu levaria apenas dois ou três dias para realizar tudo, no máximo.

Me despedi de Pedro e fui para a minha antiga casinha de classe média, que ficava no centro de Vila Verde, para pegar meus materiais de trabalho.

Dessa vez a meta era apagar Carlos Alberto Schünemann, conhecido no submundo da lavagem de dinheiro, como "O Doleiro Dos Doleiros". Quem queria ver o cara morto era um de seus Clientes, o qual não conheço pessoalmente, embora trabalhe para ele há muitos anos.

Para mim, ele é o Cliente 33, ou seja, foi a 33ª pessoa a me contratar. E a mais discreta. Geralmente eu me encontro ou faço teleconferências criptografadas com quem requer meus serviços, mas no caso do Cliente 33, todas as vezes recebo

apenas uma mensagem contendo a proposta de trabalho. Se aceitar, mando o meu preço e em poucos minutos a grana já está na conta. Sem perguntas, sem questionamentos e o melhor: Sem falsa empatia.

Acreditava que a missão seria fácil, porque a única meta era apagar o cara, então não teria que me infiltrar em seu escritório, não precisaria falar com ninguém e muito menos aparecer.

Sendo assim, preparei minha sniper rifle MX110 SASS com silenciador e o cordão para garrote vil, se fosse o caso de o plano "A" falhar. Isso sem contar que jamais ando por aí sem minha PT-52. E esse era todo o meu armamento.

Como poderia ficar longe por uns dias, também trouxe comigo alguns salgadinhos, refrigerantes e minha pequena mala de viagem, que mantenho sempre pronta para uso. Para me distrair, eu teria a Netflix e o livro "Sob A Redoma", de Stephen King.

Enquanto entrava no carro e me dirigia para a casa do Doleiro Dos Doleiros para vigiar como seriam suas últimas horas caminhando por esse planeta, me dei conta de que era final de semana, estava um calor desgraçado e que, portanto, provavelmente ele nadaria por algumas horas na piscina com a filha assando um pedaço de carne qualquer.

Seria rápido e fácil para mim, mas não seria correto com a pobre menina. Afinal, ver o próprio pai ser assassinado enquanto fazia churrasco certamente não faria bem para o seu psicológico. Por isso, optei por não fazer as coisas dessa maneira, pois sou um cara com princípios, e não um bandidinho vagabundo qualquer. Não, eu tenho classe e estilo.

Quando cheguei na casa do meu Alvo, não deu outra: A família toda estava brincando na beira da piscina. Sim, tinha churrasco também, e o cheiro estava ótimo.

Posicionei meu carro numa rua paralela, mas que ficava num lugar bem mais alto do que a quadra onde se localizava a mansão do Doleiro, de modo que pude acompanhar toda a festa de longe e sem ser notado, pois os vidros escuros do meu Ford Fusion me ocultavam.

Por volta das 18 horas, quando o sol já estava baixando, eles entraram. E eu sabia o motivo disso, graças ao meu Cliente 33, que me adiantou por mensagem, que o Doleiro tinha uma reserva para dois no Mandacaru - o restaurante mais badalado de Vila Verde.

Como fazia um bom tempo desde que eu não comia tão bem, decidi reservar uma mesa também. Abandonei a vigília, fui pra casa tomar banho e escolhi o meu melhor terno. Se tinha que me misturar aos ricos, era melhor me parecer com um deles. Muito embora esse não fosse o meu estilo de roupa para o dia a dia, fiquei muito confortável trajando aquele terno cinza chumbo.

Quanto ao meu Sobrinho, o tapado estava trancado no quarto, como sempre, e sequer reparou que eu voltei, fiz o maior barulho e saí novamente! Esses jovens de hoje em dia são uns alienados...

Mandacaru

Cheguei ao Mandacaru bem antes de meu Alvo. Sua mulher, Geovana, estava deslumbrante num vestido vermelho longo, que parecia ter sido feito para ela sob medida, e certamente era justamente esse o caso. Ele lhe caía tão bem, que não tive dúvidas: Era da grife de um grande estilista. Para completar o look, Geovana trazia em seu busto um magnífico colar de diamantes, que fazia parte do mesmo conjunto de brincos e anel que usava. Curvilínea e de pele bronzeada na cor dos últimos raios de sol que se formam na linha do horizonte de uma típica tarde quente de verão litorâneo, ela era sem dúvida alguma, a mulher mais bonita do lugar naquela noite.

Para não chamar tanto a atenção dos curiosos, me sentei no piso superior do restaurante, o qual estava praticamente vazio. Não queria que as pessoas reparassem no "cara sentado sozinho jantando a luz de velas", pois isso prejudicaria a missão. Isso sem contar que de lá, a minha visão da mesa em

que se sentaria o Doleiro e sua deslumbrante Esposa era perfeita.

Uma das coisas mais interessantes do Mandacaru, é que não havia câmeras no local, afinal, seus frequentadores não gostavam muito de aparecer. Políticos, criminosos do colarinho branco e muitos caras ricos com suas amantes maravilhosas temiam ter suas imagens expostas na TV ou na internet.

Como eu cheguei antes do casal, já havia iniciado minha fantástica experiência gastronômica. Não é à toa que o lugar é badalado. O casal começou a jantar cerca de meia hora após terem chegado.

Enquanto eu apreciava umas torradinhas com patê de camarão e bebericava um bom vinho argentino esperando pela sobremesa, via que o Doleiro Dos Doleiros estava incomodado, como se estivesse prevendo o seu assassinato.

Quando o Alvo se dirigiu ao banheiro, fui junto. Diferentemente das mulheres, os homens não vão juntos ao banheiro. E quando isso ocorre, a coisa não acaba bem para uma das partes. E quase que esse foi o caso.

Assim que entrei, logo me deparei com o Doleiro usando o mictório. Mas antes de agir, fui sorratamente verificar se não havia mais ninguém em algum dos boxes.

Nada poderia ser pior do que eu lutar com a Vítima lidando para não fazer barulho, e descobrir que tinha alguém cagando, prestes a abrir a porta e me ver. Uma situação como esta só me faria ter que matar um inocente, pois se deixasse passar, em dois tempos ele estaria numa delegacia qualquer me descrevendo fisicamente para os tiras.

Quando terminei a breve verificação e constatei que o banheiro era só nosso, percebi que tinha perdido o Doleiro de vista. Para ter conseguido escapar tão rápido, certamente o desgraçado não havia lavado as mãos!

Como nenhum outro momento propício para que eu finalizasse o meu serviço naquele jantar apareceu, só me restou aproveitar o restaurante como um simples frequentador qualquer.

Pedi um petit gateau que veio acompanhado por uma bola de sorvete de limão, que é o meu sabor predileto. O Garçom - sujeito muito educado e sagaz - me explicou que aquele prato havia sido premiado como sendo um dos melhores do Brasil por uma dessas grandes revistas de culinária qualquer. Não sei se é verdadeira a informação, mas o fato é que o doce estava realmente muito gostoso.

Motel Paradise

Quando o casal deixou o restaurante Mandacaru, imaginei que iriam para casa, mas logo percebi que esse não era o plano, pois tinham desviado do caminho.

Não gosto de surpresas, mas não me restava outra alternativa senão seguir o conversível Porsche 718 Boxter vermelho do casal.

No final das contas, eles foram ao lugar onde quase todos os casais que não tem onde namorar em paz param: No motel. No caso, o Paradise.

Para mim, isso era ruim e bom ao mesmo tempo. Ruim porque seria estranho entrar no lugar sozinho, já que não tinha um caminhão para disfarçar que eu era um motorista a procura de preços baixos para pernoitar, mas isso acabou por não se revelar um problema, pois o atendente era mais tapado que um poste.

O ponto positivo era que eu já havia estado lá antes, em situação e momento mais propícios, então conhecia bem o prédio. Os quartos ficavam no centro do terreno, e nas laterais havia uma ruazinha em formato de ferradura, de modo que não era possível entrar e sair pelo mesmo portão.

Fiquei com a suíte 22, e tinha que procurar saber qual era a do meu querido Alvo. Como não poderia ficar andando por lá sem uma justificativa plausível, fingi que tinha me perdido e

passei da garagem correspondente ao meu quarto. Funcionou: Lá estava o Porsche estacionado na Garagem 46.

Sabendo onde estaria o Meu Doleiro Favorito, dei ré no Ford Fusion e o estacionei na minha vaga. Agora, era só questão de esperar as coisas esquentarem um pouco entre os Pombinhos e agir sorrateiramente.

Passados poucos minutos, coloquei meu capuz, roupa preta e me esgueirei por entre as vagas de estacionamento, tentando evitar as câmeras, o que aparentemente consegui, pois jamais fui pego ou interrogado na investigação que foi aberta posteriormente para averiguar as circunstâncias da morte do Doleiro.

Quando cheguei, para a minha surpresa, a porta do quarto só estava encostada, o que evitou que eu tivesse que usar o meu kit abridor de portas.

Abri a porta lentamente, mas mesmo assim ela rangeu muito alto. O casal só não me ouviu porque estavam realmente ocupados um com o outro, e com a música ligada. U2 era a banda responsável por dar um toque romântico ao momento.

Visando aguardar a melhor hora para agir, entrei dentro do box do banheiro e esperei. A primeira a entrar foi Geovana, que passou batom, retocou a maquiagem e tirou seu vestido, ficando somente de lingerie. Suas peças íntimas eram de extremo bom gosto e tinham a mesma cor do vestido: Vermelho.

--- -- --- --- -- ---
Finalização
--- -- --- --- -- ---

Após um tempo razoável, o Doleiro Dos Doleiros finalmente havia "prestado assistência" para a sua linda Esposa e entrou no banheiro.

Percebi que se ele abrisse a porta do box, nós teríamos que lutar, pois estaríamos frente a frente. Por essa razão,

enquanto ele estava apoiado na pia para tirar o chinelo dos pés, me aproximei por trás sorrateiramente e coloquei em seu pescoço, o meu garrote vil.

Carlos Alberto Schünemann não teve tempo de dizer nada. Sei que a última coisa em que pensou não foi em sua mulher, filha ou mãe, mas sim no tanto de dinheiro que havia acumulado, e que não poderia gastar.

Pensou ainda - no mesmo momento em que a falta de ar já começava a prejudicar o funcionamento de seu cérebro - que dentro em breve sua Esposa estaria com outro cara, gastando todo o dinheiro roubado que ele amealhou durante sua longa e intensa vida criminosa.

Isso era, sem sombra de dúvidas, algo lamentável. Mas a verdade é que no fundo, o Doleiro sabia que Geovana nunca o amou de verdade. Ela amou, sim, a vida que ele poderia lhe propiciar, mas nunca ele em si. Mas, isso agora já não fazia mais diferença alguma, pois ele não passava de um cara a ser lembrado.

--- -- --- --- -- ---
Deep Web
--- -- --- --- -- ---

Deixar a cena do crime não foi difícil para mim, afinal, Geovana estava dormindo um sono pesado quando passei quase ao lado de sua cama, rumo à porta do quarto de motel que lhe marcaria a vida para sempre, a qual me descortinou uma noite enluarada e cheia de estrelas que fazia de Vila Verde um local ainda mais especial para se estar.

Pouco mais de uma hora depois, eu já havia me livrado das minhas vestimentas pretas e estava com o mesmo terno com que jantei no Mandacaru.

Tomei essa precaução porque tudo o que eu não precisava era ser parado pela Polícia numa blitz qualquer, vestido completamente de preto na mesma noite em que o Doleiro fora

misteriosamente assassinado. Confesso que sou um pouco encanado com segurança, mas penso que o Diabo mora nos detalhes.

Quando cheguei em casa, Pedro estava preparando um miojo e me ofereceu. Aceitei e confesso que estava mais gostoso do que ficam os meus, pois tinha sido feito por alguém que realmente me amava.

- Tio, o site está pronto. Falta só inserir os dados para contato.
- Poxa, já? Vamos ver!

Pedro foi ao quarto e trouxe seu laptop para a mesa da cozinha. Ele estava nitidamente orgulhoso do trabalho que realizara e não era para menos.

A página inicial do meu novo site trazia uma caveira quase que inteiramente coberta pela terra, ao lado de uma daquelas pás bem antigas de construção.

Havia ainda, um montinho de terra que sobrou do buraco, como sempre acontece. Ele é um problema para nós criminosos, pois acaba por evidenciar aos peritos, que o local foi recentemente mexido.

Por isso eu sempre tomo muito cuidado com esse aspecto da coisa. Um novato sequer pensa nisso, mas um sujeito da velha guarda como eu não menospreza os detalhes. Aliás, é justamente esse fator que distingue um bom profissional do bandido amador.

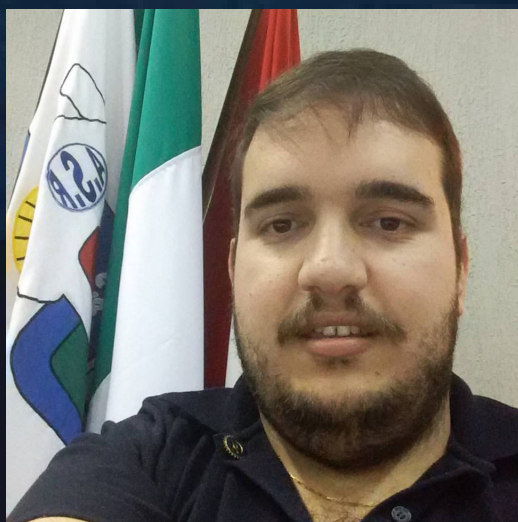
Além da home, o site trazia somente mais duas páginas. Uma era denominada "O Serviço", e trazia dentre outras coisas, o seguinte texto: "Executo meu trabalho com excelência e cumpro rigorosamente os prazos combinados".

A terceira página do site era denominada "Contato" e continha apenas um endereço de e-mail para que os possíveis clientes pudessem escrever para mim. Havia, abaixo do endereço de e-mail, um lembrete de que aquela conversa seria criptografada e, portanto, não acessível para terceiros.

- Gostou, Tio?

- Muito! Mas tenho dúvidas sobre se vai realmente funcionar..
- Claro que vai! Estimativas de um estudo feito nos EUA afirmam que a Deep Web tem cerca de sete vezes o tamanho da internet indexada. Não tem como dar errado!
- Tomara que você esteja certo, mas isso só o tempo dirá. Bom, de todo modo, agora eu sou um matador de aluguel moderno. Estou na Deep Web!

SOBRE O AUTOR



José Renato Fusco é Advogado, Jornalista e membro de Rotary International. Vive na cidade de Avaré com sua esposa, a também Advogada, Anelissa Bonifácio Mazetti e com sua enteada, Elissa. Já escreveu dois livros: "Justiça Em Primeiro Grau" e "O Sistema Eleitoral Brasileiro".

No site www.averdadedosfatos.com, o qual fundou em 2008, escreve regularmente sobre diversos assuntos, tais como política, automobilismo, games, livros e principalmente sobre o seu cotidiano.

Atualmente participa da diretoria da OAB Avaré e preside o Rotary Club de Avaré, tendo sido eleito para o Ano Rotário 2017-2018.

“O Coveiro” é um spin off de “Justiça Em Primeiro Grau”, que narra a história do mercenário Rodrigo Silveira, responsável por matar e ocultar o cadáver de quem quer que seja, desde que paguem-no para tanto.